



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Complexo Esportivo da Rocinha, da Clínica da Família, do Centro de Tratamento da Tuberculose, do Centro de Atenção Psicossocial e da Unidade de Pronto Atendimento 24h (UPA) - Unidade Rocinha

Rio de Janeiro-RJ, 08 de março de 2010

Olha, eu vou contar uma coisa para vocês. A alegria de estarmos aqui na Rocinha, podendo provar ao Rio de Janeiro, podendo provar ao Brasil e ao mundo que a nossa vinda aqui é o retrato mais fiel de um prefeito, de um governador de estado, de um presidente da República que querem provar ao mundo que o que a Rocinha deseja, o que as chamadas favelas do Rio de Janeiro desejam é apenas serem tratadas com respeito e dignidade para que os seus filhos possam ter a mesma qualidade de vida e a mesma oportunidade que têm outras pessoas que moram no Rio de Janeiro e no Brasil.

Acabou o momento em que o governante via umas pessoas como se fossem de primeira classe, outras pessoas como se fossem de segunda e outras pessoas como se fossem de terceira classe, que as pessoas nem olhavam para a cara. É verdade que na Rocinha deve ter algum bandido, mas é verdade também que no Pavão-Pavãozinho deve ter algum bandido, mas é verdade também que no Complexo do Alemão deve ter. Mas quem é que disse que não tem bandido naqueles prédios chiques de Copacabana? Quem é que disse? Quem é que disse que não tem em outros lugares mais importantes deste país? O que é grave, o que é grave é que os perseguidos são sempre os pobres dos morros, e não os ricos. Nós, tanto o Sérgio Cabral quanto eu e quanto o prefeito e as pessoas que estão aqui, nós nos convencemos de que o que as pessoas estão precisando neste país é apenas de uma oportunidade. Leve a ela – o Estado, o governo federal, o município e o estado – leve a



educação, leve o esporte, leve a cultura, leve possibilidade de lazer, leve possibilidade de trabalho, e nós estaremos construindo homens e mulheres de bem neste país, e não bandido ou traficante.

Nós viemos aqui, companheiros e companheiras, sobretudo a imprensa brasileira – me desculpe, Sérgio Cabral, fazer uma referência especial à imprensa brasileira. A imprensa brasileira, por hábito ou por desvio, não gosta de falar de obras inauguradas. Ou seja, coisa boa não interessa, o que interessa é desgraça. O que o Sérgio disse, da inauguração do hospital, eu cheguei de manhã no aeroporto, o Sérgio tinha me telefonado... Eu telefonei para o Sérgio no sábado porque fiquei preocupado, porque me disseram que ele tinha que fazer um exame, e eu então liguei para o Sérgio para saber se ele tinha algum problema. Ele me disse que estava bem, aí disse para mim: “Lula...” – Lula, não – “presidente Lula...” – ele só me chama de Lula na intimidade – “Ô presidente Lula, eu lamento profundamente que o senhor não possa vir aqui no Rio de Janeiro inaugurar o Hospital da Mulher”. Eu falei: mas a Dilma está indo, ela é mulher, o governo federal está muito melhor representado por uma mulher inaugurando o Hospital da Mulher. Mas eu cheguei hoje aqui no aeroporto, ele estava indignado, ele estava indignado porque a matéria que saiu no jornal não era falando do hospital; era dizendo que a Dilma Rousseff tinha vindo ao Rio de Janeiro inaugurar uma obra que não tinha dinheiro do governo federal. Como se o governador não pudesse convidar a Ministra para vir aqui! Ou como se o dinheiro que está permitindo ao Sérgio construir aquele hospital, é porque o Sérgio não teve que colocar todo o dinheiro do estado aqui. Nós fizemos parceria e sobrou dinheiro para o Sérgio fazer um hospital.

Mas eu também não queria dar explicação. Eu só queria dizer que é um desvio de comportamento não aceitar as coisas boas. Quase nenhuma obra de inauguração merece matéria, quase nenhuma obra. O que merece é uma gafe, o que merece é um erro que a gente cometa ou uma coisa que não aconteceu.



De qualquer forma, eu queria dizer para vocês: eu aprendi a fazer política neste país na adversidade. Eu não aprendi a fazer política com ninguém “puxando o saco”, não. Eu aprendi na adversidade e todo mundo sabe, todo mundo sabe que eu tenho o casco duro, todo mundo sabe. E se dependesse de bordoadas eu não estaria onde estou, porque uma parte da grã-finagem deste país não aceita que um metalúrgico seja presidente da República e muito menos, e muito menos aceita que o presidente da República, metalúrgico, seja aceito mais do que eles. Aí é mortal, porque eles passaram a vida inteira dizendo que eram eles que sabiam governar, que eram eles que sabiam gerenciar, que eram eles...

E veja que engraçado, Sérgio, eu, ainda falta um ano de mandato, e já vou passar para a história do Brasil como o presidente que mais fez universidades e que mais fez escolas técnicas. Justo eu e o José Alencar, que somos também o único presidente e o único vice que não têm diploma universitário. Não é uma coisa do destino, não é uma coisa do destino? E quando eu falo assim, quando eu falo assim, eu não falo incentivando as pessoas a não terem diploma universitário, porque eu tenho inveja de não ter um diploma universitário. Eu queria ser economista, porque economista quando está na oposição é um bicho que sabe de tudo. Eu nunca vi ninguém saber tanto de número como economista. Eu queria ser, mas não pude ser. Então, eu... Já estou terminando o mandato, também não preciso mais aprender agora a ser economista.

Mas eu quero que vocês, jovens, estudem. E nós estamos fazendo mais universidades, mais escolas técnicas, dobramos [triplicamos] o orçamento da Educação de R\$ 20 bilhões para R\$ 60 bilhões, porque eu quero, eu quero que os filhos dos brasileiros tenham o que eu não tive, estudem mais, possam ter mais profissão e possam viver muito melhor.

Mas, olhe, para mim, é uma alegria extraordinária estar aqui com os patronos das coisas esportivas que vão acontecer aqui na Rocinha. O Zico, o



Zico, se tivesse me conhecido mais novo, teria aprendido a jogar um pouco mais. Mas, de qualquer forma, de qualquer forma, o que ele aprendeu deu para o “feijão com arroz”. Ou seja, deu para ele se virar. O Luiz Lima, que eu conheci ali na natação, ensinando ameninada a nadar. A companheira Adriana e a companheira Shelda, que são patronas [patronesses] do vôlei de praia. O companheiro Alexandre Ribeiro, patrono do atletismo. O companheiro Flávio Canto, patrono do jud . E a Daniela Genovesi, patrona [patronesse] do ciclismo.

Ora, eu disse para o Sérgio Cabral: a partir de agora, Sérgio, em todo bairro que eu for, no Rio de Janeiro, eu vou desafiar a molecada: Você gosta de brigar? Você gosta de esmurrar o seu parceiro? Você   encenqueiro?  . Então, seu, filho da mãe, saia da rua e entre aqui para treinar jud , boxe, qualquer coisa, para você aprender de forma sadia a competir e, quem sabe, em 2016, essameninada toda que está aqui vai estar disputando uma Olimpíada. Imagine que coisa extraordinária. Quem sabe, Zico, a molecada que você vai ver treinando aqui possa conquistar uma medalha olímpica no futebol, que o Brasil ainda não conseguiu, apesar do Zico, apesar do Sócrates, apesar do Falcão, apesar do Pel , apesar do Garrincha, apesar do Ronald o, do Ronaldinho, do Rom rio, do Bebeto, o Brasil não tem uma medalha olímpica no futebol, e ela vai conquistar [ser conquistada] com alguém da Rocinha, aqui, marcando um gol que os outros não conseguiram marcar.

É isso que me d  prazer, é saber, Sérgio... e pode ter certeza que tem gente que não está gostando do que está vendo. Esse negócio do Rio de Janeiro eleger um governador que vai gastar dinheiro do imposto com pobre “não está certo, não está certo.” Ou seja, isso não é compreendido. Se fosse compreendido, a Rocinha não era assim, estava melhor. Não teria a quantidade de favelas e pessoas morando em situações de risco no Rio de Janeiro. S  é assim porque durante muito tempo os governantes deste estado achavam que pobre só era gente em época de eleição. Depois da eleição o



pobre não valia mais nada.

Eu sei, eu sei, Sérgio, que você trazer uma UPA da qualidade da que você trouxe aqui para a Rocinha, trazer um Centro Esportivo como este para cá, trazer, inclusive, um centro para tratar de problemas mentais, problemas com drogas, sem ser uma prisão, sem ser uma prisão, vai ser um centro humanizado de tratamento de problemas mentais, “é coisa para rico, é coisa para rico”. Trazer para os pobres, tem gente que não gosta. E eu quero te dar os parabéns, companheiro, porque o que você está fazendo aqui é dizer para esta gente: “No meu governo não tem diferença por origem social, seja pobre ou seja rico. Todos têm que ter o mesmo tratamento”. Nós queremos... Não queremos tirar um milímetro de benefício que o rico tem, mas queremos que o pobre suba um degrau da escada, dois degraus, e possa viver condignamente.

É por isso, companheiro Sérgio, que eu estou orgulhoso, orgulhoso de ver porque estou acompanhando o que você está fazendo no Rio de Janeiro. Eu estou acompanhando um prefeito que em vez de trabalhar ficava em um blog, falando mal da gente. Ficava em um blog. Nós mandamos as ambulâncias do Samu para cá, ficaram mais de um ano as ambulâncias paradas e não foram utilizadas para esse povo.

Nós não queremos mais gente assim. É preciso que a gente comece a ver as pessoas que pensam como a gente, que têm alma. Porque não basta governar com a cabeça, é preciso colocar o coração para a gente poder governar e atender à maioria do povo brasileiro.

Eu saio daqui com a certeza absoluta de que a Rocinha, se em algum momento da história do Rio de Janeiro foi motivo de vergonha, eu saio daqui com a convicção de que a Rocinha hoje é motivo de orgulho para o Governador, para o Prefeito, para o Presidente da República (falha no áudio) o povo brasileiro.

Nós ainda não fizemos tudo. Falta muito para fazer, falta muito. O problema é que os pobres foram abandonados ao longo de séculos. Então nós,



agora, estamos recuperando. Eu estava vendo aqui em cima, eu estava vendo aqui esse menino que está aqui no (incompreensível), vocês percebem que ele tem uma deficiência no lábio, ele tem uma deficiência no lábio. Eu estava aqui. A primeira coisa que eu fiz foi perguntar para o Temporão: Temporão, não tem jeito de arrumar a boca desse menino? Não é possível fazer uma plástica? É possível? “É”. Então, gente, vamos pegar e dar a esse moleque o direito de ser visto normalmente, como todos nós. Se pode ser feita uma plástica, por que a gente não faz, para cuidar desse menino?

Eu, inclusive, quero agradecer a quem trouxe esse menino aqui, porque normalmente as pessoas costumam ter vergonha e não trazer [trazem]. E é o fato de você trazer que pode permitir à gente assumir o compromisso de fazer o tratamento. Então, ao pai dele, parabéns... É o tio. Parabéns por ter trazido esse menino. E agora, Temporão, você e o secretário da Saúde vão ter que ir atrás e assumir o compromisso para tratar, porque é um tratamento que não deve ser caro. Se fosse uma pessoa rica, já estava com a boca boa. Como é pobre, não está. Então, nós poderemos cuidar disso.

No mais, no mais, eu queria, companheiro Sérgio, eu queria... eu não poderia ir embora sem dizer uma coisa: Olhe, governar o Rio de Janeiro com um companheiro como este aqui é fácil a gente governar, porque o Sérgio, depois de muitos anos, é o único governador do Rio de Janeiro que pensa carioca, que age carioca e que fala como se fosse um carioca, tendo alma de carioca. É por isso que as coisas estão funcionando, é por isso que aqui, no ano passado, ou melhor, em 2007, lá no lugar que está a UPA eu anunciei que a Dilma era a “mãe do PAC”, porque foi dada a ela a responsabilidade de organizar o PAC. E o sucesso que nós temos hoje é graças à lealdade, ao companheirismo desse companheiro, ao trabalho afinado da Dilma com o Pezão, que é um gigante. O Pezão é quieto mas, na verdade, trabalha por mim e trabalha pelo Sérgio Cabral. E mais o prefeito Eduardo Paes, que é o mais novo, tem apenas um ano de mandato, mas já está dando demonstração de



que vai mudar a cara do Rio de Janeiro para melhor. E a gente não muda a cara do Rio de Janeiro apenas deixando a Avenida Copacabana bonita, que precisa ficar bonita. É preciso deixar Ipanema bonita, Copacabana bonita, tudo bonito. Mas os bairros pobres também têm que estar bonitos e têm que atender à comunidade.

Um grande abraço, que Deus abençoe cada um de vocês. Que Deus abençoe o Sérgio, Eduardo Paes, companheira Dilma e Pezão.

E até a próxima, porque nós vamos continuar visitando o Rio de Janeiro, mesmo que alguns não gostem.

Até outro dia, gente.

(\$211A)